



ABBADIA EM BATH.

JÁ na presente serie, n.º 9, por ocasião do Instituto mechanico, fallámos de Bath, capital do condado ou provincia de Somerset; para esse artigo dirigimos a curiosidade dos leitores
 JUNHO 4 — 1842.

tores no que respeita ás aguas thermaes, que deram nome (*), população, lucros e nomeada a esta cidade. A parochia de S. Pedro e S.

(*) *Bath* é uma palavra ingleza que significa *banho*.

Paulo, cujo frontispicio occidental de bella architectura gothica representámos na gravura, ainda hoje é chamada a igreja da Abbadia, porque remontando a sua origem como mosteiro de freiras ao anno de 676 passou em 775 a casa de conegos seculares, e no decimo seculo converteu-se em abbadia de benedictinos, que a conservaram até 1539 que o ultimo prior a cedeu á corôa: em 1088 tinha sido saqueada e queimada pelos rebeldes fautores de Roberto filho de Guilherme o conquistador; no seculo immediato foi outra vez destruida por incendio; sempre porem a reedificaram com muita grandeza. Cumpria-lhe soffrer adverso fado, porque a entrega á corôa e as desordens do reinado de Henrique 8.º a pozeram em tal abandono que todo o ferro, cobre e outros metaes e as vidraças, que nella havia, foram vendidos, e ficou por assim dizer o esqueleto. A liberalidade e o bom governo da rainha Isabel habilitou os cidadãos juntos com alguns protectores para a repararem pelo estylo antigo. — O templo é da fórma de cruz, e do centro, na intersecção, levanta-se uma torre, que é a parte mais excellente de toda esta fabrica, com a particularidade de não ser quadrada tendo os lados do norte e sul maiores que os outros dois; faz pena que não possa ser perfeitamente vista por qualquer das faces do edificio; e até destas, por causa da situação, só a do poente, que a nossa gravura mostra, pôde contemplar-se bem, ainda que não em sufficiente distancia para pleno effeito; é adornada de numerosas figuras, deterioradas pelo tempo, e julga-se que representam o sonho de Jacob.

Pela belleza da planta, pela harmonia e symmetria de todas as suas diversas partes é a Abbadia de Bath mui distincta entre outros edificios, posto que maiores, do estylo puramente gothico na Graã-Bretanha. As suas principaes dimensões são 210 pés ingl. de nascente a poente, 126 de norte a sul, 72 de largura do corpo e nave da igreja, 152 altura da torre, 78 altura do pavimento ao tecto.

O GUARANÁ.

NÃO tem sido raras as vezes que os europeus e mais povos civilizados hão recebido lições da experiencia dos indios e selvagens da America. Estes homens da natureza, entregues sómente aos recursos que esta lhes apresenta em productos espontaneos, tem chegado muitas vezes, por meio de suas observações e experiencias, a descobrir uteis e admiraveis inventos. Privados de todos os principios das sciencias e

das artes, sua actividade os devia levar naturalmente á observação do que se passa á roda delles, e a necessidade os faria mesmo abalçar-se a tentativas e experimentos, em que foram mais ou menos felizes. Quem é que ensinou aos colonos e viajantes do novo mundo o remedio prompto contra a mordedura dos animaes venenosos, variadissimos e abundantissimos em suas especies? Foi a Botanica dos indios.

Uma das composições medicinaes de grande utilidade, propria e privativa dos indios do Pará é a que elles chamaram Guaraná. Por muitos annos a receberam, e della usaram os portuguezes estabelecidos naquelle estado, sem outra caução que o conselho, e infallivel resultado de seus salutaes effeitos, assegurado pelos indios. E este remedio era tanto mais de acceitar quanto se tomava n'uma bebida agradável e refrigerante, que consolava e refrigerava os miseros enfermos abrasados com as enfermidades e calores da linha equinocial.

Arranjavam-no os indios em pequenos páus cylindricos pesados, de seis pollegadas de comprimento e mais de uma de diametro estreitando para as extremidades, com tal consistencia que só com muita difficuldade se podiam reduzir a pó, precisando ser ralado com uma lixa mui aspera, feita da lingua de certo peixe; côr escura como de chocolate, e massa ás vezes granulosa.

Os jesuitas fizeram grandes investigações para o aprender a fabricar, porem foram infructuosas. Hoje sabe-se que é o producto de um cipó da familia natural das sapindaceas [*Octand. Trig. de Lin.*] chamado pelo viajante Martius *Paullinia Sorbilis*. É a planta indigena do alto Amazonas; cultivada e exposta ao sol forma um arbusto. A semente é amargosa e um tanto oleosa. Os indios maués, que são os que fabricam o guaraná, secam-a ao sol para tirar o azillo incarnado, e a pizam depois, e com agua formam do pó certa massa a que ajuntam varias sementes inteiras ou quebradas, e formam páus que secam na fumaça de seus ranchos. Os indios a usam muito.

O guaraná é ahí um preservativo das febres malignas e podres; tem parte das virtudes da quina pelo seu amargo e adstringencia. É já bastante conhecido em Portugal, principalmente entre os maritimos, e muito empregado contra camaras reputadas chronicas.

Ultimamente o Dr. Gavrêlle que percorreu a America meridional em diferentes direcções, vendo a pratica deste remedio arreigada no paiz, e com tal voga que constitue já um ramo de commercio, dedicou-se com todo o ardor e actividade do seu zelo a tirar do empy-

rismo esta utilissima applicação medicinal; e trazendo a planta *paullinia* para a Europa, tractou de decompô-la e analysa-la chymicamente. Certificado dos simples, e guiado pela mão da sciencia, passou a fazer uma applicação mais vasta, e achando nos prosperos resultados della a confirmação de seus raciocinios, fez publicos pela imprensa seus experimentos em Paris n'uma Memoria que intitulou *Notice sur une nouvelle substance medicinale appelée Paullinia, lue devant la Société Medicale d'emulation de Paris; du 6 Mai 1840.* Eis-aqui o que elle diz a pag. 4 e 5 da dita Memoria: = «Os bons resultados constantes que obtive no Brasil do emprego da raiz e do fructo da *paullinia* me determinaram, voltando a França, a prover-me d'algumas amostras para fazer dellas o extracto conveniente. Um pharmaceutico, Mr. Dechastelus, da rua d'Anjou-St.^o-Honoré n.^o 18, informado das virtudes e effeitos desta preciosa planta, quiz encarregar-se da preparação; e com ella tenho tido occasião d'applica-la, e de colher resultados tão satisfactorios como no Brasil.» =

A pag. 3 da sobredita Memoria appresenta-se a analyse chymica da *paullinia*; e a pag. 4 seus usos medicinaes. Desde pag. 8 até 17 se comprehendem os casos diversos, quasi desesperados alguns, em que a dita applicação operou admiraveis effeitos. Emfim a pag. 18 termina o doutor Gavrelle dizendo; = «Dos factos, e observações resulta, 1.^o que a *paullinia* é um excellente remedio tonico, e calmante ao mesmo tempo; 2.^o que seu uso é d'uma grande utilidade em todas as doenças de fraqueza, e nas nervosas; 3.^o que até nas tysicas, até certo gráu, será utilissima por afastar as complicações que a acompanham.

Não será difficil pelas muitas relações, que ha nesta capital com o Pará, o mandar vir dahi algumas sementes, apanhadas de fresco e bem resguardadas do ar em frasquinhos de vidro lacrados; e julgâmos que pelo menos nas ilhas, e nas colonias d'África, e talvez que em Portugal em sitios abrigados, se poderia espalhar com bom exito a cultura do Guaraná.

HYGIENA.

Preceitos ácerca do dormir.

A FALTA absoluta de dormir, ou um somno demasiadamente curto altera a saude, e muitas vezes tambem o character. O homem que dorme pouco é ordinariamente irritavel, magro, e menos capaz d'um trabalho aturado; digere mal, e está mais disposto por isso mesmo á tristeza e á preocupação. Difficil cousa

será conservar boa disposição com menos de 6 horas de somno cada noite. Entretanto é necessario proporcionar esse tempo de repouso á fadiga do corpo ou do espirito, á idade, ao sexo, aos males physicos, e aos cuidados e afflicções da alma. O menino precisa de mais somno que o homem adulto; o adulto mais que o homem idoso; a mulher mais do que o homem; o convalescente mais que o são; mais o homem habitualmente imaginativo do que o negligente; mais o homem estudioso e applicado do que o ocioso. De 9 a 10 horas de somno são necessarias ao convalescente, e aos meninos; 8 ás mulheres môças; 7 ao homem occupado; 6 ao que não trabalha; apenas 5 são precisas ao velho, e 3 ao enfermo. — Quatro horas de somno em horas proprias da noite valem mais do que 6 de dia. Nos paizes quentes todavia a sésta é indispensavel para os operarios e para os *homens de lettras, e de gabinete.* Nem todos nossos orgãos estão sujeitos ao somno: o coração, os pulmões, e o diafragma trabalham incessantemente de dia e de noite, quer durmâmos, quer estejamos acordados, é por isso tambem que por elles ordinariamente se annuncia a chegada da velhice. Demasiado somno predispõe á apoplexia, e á inercia; o não dormir conduz á consumpção, ao delirio, e muitas vezes á demencia. Entre as paixões ha umas que conduzem ao somno, outras que o afastam. Uma grande alegria espanta o somno tanto como uma grande dôr. Pouco café produz muitas vezes a insomnia; muito café produz o lethargo, e pôde produzir o delirio. Cousas ha que dispõe a dormir pela manhã e que excitam de tarde: por exemplo o jejum convida a dormir, e a cêa produz a insomnia. O somno tira o appetite pela mesma rasão que restaura as forças. O motivo disto é que durante elle não sómente repousam os orgãos, mas tambem o alimento do dia lhes é igualmente distribuido pelo coração que tem cuidado de todos. = Para bem dormir convem que a digestão esteja senão já completa ao menos começada; e que o corpo, e os membros estejam livres de oppressão, ligaduras, e de quaesquer constrangimentos. É bom prevenir-se contra a bulha e ruido, contra uma muito forte claridade, contra as correntes d'ar; mas evitar as alcovas e quartos naturalmente obscuros e privados de renovação do ar e da luz. Afastar cheiros e perfumes; nada de calor demasiado; a cama que não seja muito mole antes rija; porque aquella promove o suor, e enfraquece; cabeça alta e ligeiramente coberta, os pés quentes; coberturas leves; o corpo disposto, e o espirito tranquillo. — Não se deve dormir sempre do mes-

mo lado, porque isso destruiria o equilibrio em que devem estar todas as visceras do corpo. Convem pois dormir d'um e outro lado, e mudar já para um já para outro na mesma noite.

Um somno socegado dispõe ao bom humor, e á esperteza e agudeza do espirito, e produz saude e prazer. Muitas pessoas não são magras, rabugentas, insoffridas, e mesmo injustas, senão porque dormindo mal, digerem difficilmente. Pelo contrario as boas digestões nascem d'um somno socegado, e desta causa provem a saude; a saude aviva o espirito, e dispõe a alegria; a alegria gera a tolerancia e a bondade. Os ruins e os ambiciosos dormem pouco. O grande Scipião era um dos maiores dorminhocos de Roma: Caligula nunca dormia mais de 3 horas. O somno da noite está perfeitamente d'accordo não só com as necessidades da vida, mas tambem com os nossos habitos sociaes. O somno de dia enfraquece-nos, ou porque não é tranquillo ordinariamente, ou porque substitue o da noite consagrada a serios trabalhos, ou a dissipações e excessos. As vigílias nocturnas são tão contrarias aos deveres, como aos gôzos do homem rasoavel. A energia se esgota pelas meditações da noite, o que produz distracção nos negocios, e uma certa indifferença no commercio e relações inteiras da vida. As longas vigílias podem levar os homens a uma alta reputação de saber, porem raras vezes o elevarão ao poder.

A escolha do local é menos importante do que a escolha do tempo: o essencial para o somno é o socego d'espirito, unido á fadiga dos membros.—A lassidão junta com a segurança dorme mais profundamente sobre as palhas do que a ociosidade sobre colção de plumas.—A fadiga é o travesseiro do lavrador.—O somno apazigua a fome, a fome em represalia impede, ou abrevia o somno.—A renitencia e priguica das funcções animaes não tem melhor remedio do que um somno longo e repousado.

Se quereis saber o mal que pôde fazer-vos o cheiro d'uma rosa na vossa camara de dormir, mettei-a debaixo d'uma redoma de vidro; 6 ou 8 horas depois o ar ahi contido não pôde alimentar a luz d'uma vela. Tanto é o gaz acido carbonico que exhala!

A privação absoluta do somno é um dos mais crueis supplicios que possam imaginar-se. Quando os romanos queriam punir um grande criminoso, ou um inimigo temivel, impediam-no de dormir pelos tormentos. Foi assim que se vingaram de Perseu.

D. PEDRO E D. JOÃO DO CARVAJAL.

[1312]

VI

Dois irmãos! — *Palestra de valentes.*

..... e ambos de vidas inculpaveis!
— *O P.º Ignacio Vasc. da Piedade. —*
Hist. de Sant. 2.ª P. L. 1.º c. 15 p. 165.

.....
Que por obras muy louvadas
De si leixarão memoria
A quem lhes sygua as peguadas.
— *Cancioneiro geral de Garcia de Re-*
sende — de 1516 — fol. 115 — quint. 2.ª

POR muito tempo, honrado leitor — não sei se amigo, se contrario — temos deixado os dois tristes Carvajales abandonados na sua prisão; vejamos se alguém mais humano os soccorreu em tanto desamparo.

Fôra o punhal dos Laras raio que de meio a meio partira a existencia do mais que misero D. Pedro, se o golpe se empregasse no seio da sua Yolanta; mas ás iras más d'um irmão que dava morte oppoz-se o santo escudo de um amante que deu vida, escudo do seu peito, escudo do proprio coração em que ella tão viva andava, e tão morta a queriam tornar, e Deus que o viu não quiz que tamanho affecto se finasse logo alli á mingua de alimento. Correu o sangue, embebeu-se o ferro, mas embebendo-se não levou comsigo senão eterna mancha para o covarde que o brandira, deixando no corpo em que entrára intacta a existencia, se bem que rotas as veias. Resvallára o punhal, e em vez de cravar o seio da virgem aonde a raiva o guiava, em vez de se enterrar no peito que em sua defensão se offerencia, atravessou apenas o braço do bom, do amante D. Pedro que não sentiu a sua ferida — que só padeceu a dôr da grande dôr de quem por elle assim se doía. Pouco valioso fôra o golpe que no cégo correr do ferro e no prompto acudir da defeza, acaso quasi milagroso, fizera com que só penetrasse nas carnes sem offender musculo ou tendão de maior importancia e influencia. O mavioso e sublime espectaculo de tanta generosidade, e tão ampla dedicação, abalou e commoveu sinceramente os rudes guardas. Ao ver correr o sangue do nobre Carvajal, ao ver derrubada em terra a formosa Yolanta como lyrio cortado pela tempestade, ao ver a palidez das suas faces e o delirio de seus olhos, os rostos agrestes d'aquelles homens appareceram orvalhados, crusaram-se vistas irosas, e algumas mãos acompanhando as vistas apertaram ao lado o punho das espadas valentes. — Se alguém erguesse o primeiro brado a nobreza e privan-

ça dos Laras não os livraria d'algum insulto perigoso. — Tanto é verdade que não ha alma que resista ao affectuoso entusiasmo produzido por uma grande e nobre acção — que nem a aspera rudeza d'uns pobres soldados é bastante para resistir á profunda commoção excitada por scena assim feita para sensibilisar. Tiveram piedade. Yolanta foi transportada para longe dos olhos tristes do triste amante, e os dois de Carvajal, feitos pela piedade o desvelo d'aquelles valorosos a cujo lado seus pais haviam morrido e elles pelejado, nos cinco ou seis dias, que se seguiram a essa scena, tractados e vigiados com cuidado, um quasi ficou inteiramente curado da pouco perigosa ferida, outro sensivelmente se foi recobrando da grande perda de sangue e dos estragos dos profundos golpes que recebêra.

Era o despontar da manhaã. A branca luz da alvorada ia fazendo alvejar as casas e alcaçares de Burgos, em quanto que o negro e torreado castello se erguia no alto como sombra de mau agouro, pesando silencioso e sinistro no cimo da encosta. O vago rumor do geral despertamento começava a exhalar-se do seio da cidade ha pouco adormecida — fugiam descoradas e tremulas as estrellas do céu, e o nascente clarão rasgava pouco o negro manto da noite. — Mudo era o castello por fóra, mas lá dentro na baixa e abobadada cella, que precedia a prisão dos dois irmãos, os guardas madrugadores, estirando ainda os membros lassos em longos espriguiçamentos, se iam ajuntando á luz vacillante e tremebunda d'um lampião solitario para começarem suas praticas ociosas de guerra e de amor. Era aquelle o usual ponto de reunião para os que a dentro vigiavam, e a scena que no immediato carcere se passára os attrahia com dobrado interesse de curiosidade e cuidado, que ainda os valentes nos dois companheiros de seus combates cuidavam.

« Que apoz lides de mouros lá fóra nos mande elrei guardar aqui os bravos pelejadores que comnosco pelejaram !

« Antes quizera um bom tiro de azagaia do que esta pena que me rala por ver assim finarem-se em tormento aquellas boas almas.

« E dizem que elles mataram o excellente senhor de Benavides. — Nada: eram amigos, e quem foi tão nobre cavalleiro de Castella, e tão ousado e valoroso diante de sarracenos, não podia ser covarde assassino, matando assim de noite e á traição . . . »

« Se houvessem doestado entre si, não seriam armas curtas e escondidas que explicariam a questão. Tomariam uma boa lança ferrada, as suas espadas de Sevilha, e os ginetes de batalha, partiriam o terreno á vontade e se encon-

trariam até que Deus decidisse quem tinha melhor direito. »

« O punhal sempre foi inimigo da espada . . . »

« E aquelle rancor dos Laras, tão maus e tão altivos . . . »

« E tão zelosos senhores . . . que nunca havia ve-los no meio da refrega; mas sempre, em recompensa, onde quer que se offereciam despojos. »

« Lentos em apparecerem na frente, mas promptos a figurarem no triumpho; mais velozes na lingua que rijos no braço; maus cavalleiros para carregarem inimigos; bons corretores para montarem no campo. »

« Aquelles amores da formosa donzella! — Vistes, camaradas, como ella era linda? e tão linda era que me senti com menos animo de vê-la desmaiada do que em ataque nocturno de barbacans infieis — aquelles amores que tanto doem aos de Lara, sem duvida que por elles algum negro projecto se lhes suscitou nas almas perfidas. »

« Quem diz Laras e Carvajales diz o mal e o bem em pessoa. Ora bem sabeis que um e o outro são impossiveis de se unirem nas vontades. Desde que o demonio teve léu de accor dar maus pensamentos na alma de um homem, nunca os de Lara esperdiçaram occasião de fazer mal aos de Carvajal; sempre que os de Carvajal choraram riram os de Lara; sempre que os de Lara se folgaram alguma grande desgraça feriu os de Carvajal ! »

« E um de Carvajal ama pelo modo que vistes uma de Lara, e tanto se amam os dois que não sei eu qual mais se ame, nem se cá no mundo é possivel ter mais amor.

« É excepção . . . »

« D'onde o odio dos Laras tirou novas forças. Camaradas; o morto, o leal senhor de Benavides não era dos da sua feição! . . . quem sabe? »

« *Cuerpo de Belzebuth*: e elrei não vê isso . . . »

« Não vê, que é uso dos privados vendarem os olhos dos reis. Mas, cuidado! — Se elrei não vê o que assim se passa ao pé do seu throno, póde muito bem ouvir o que aqui se diz no interior dos seus carceres. »

« Estes muros são surdos . . . »

« Ha hoje tão finos ouvidos na côrte da Castella, ha echos tão sonoros e chocalheiros que não sei eu abobada ou parede que possa empecer uns de ouvirem, outros de fallarem. »

« Que importa? em toda a parte terei a terra para dormir, um pão para comer, e um sarraceno para pelejar — e mais vale comer o pão manchado de sangue infiel, dormir sobre a terra e pelejar ao sol do que passar dias e dias aqui feito servo d'um carcereiro maldito

que muito bem pôde dizer que nos tem fechados na mão e que dispõe de nós como de cousa sua; passando as horas em ocio ruim, vigiando infelizes e ouvindo gemidos que cortam a alma. Nem por ter visto muitos campos de batalha me doem menos as dôres que assim quasi que palpâmos. Os brados dos mortos que cahem na guerra não endurecem o coração de modo que se não aperte ao ouvir os lamentos que por pacíficos são ainda mais custosos... Elrei d'Aragão tambem dá soldo e combates. Nas montanhas d'Aragão tambem ha bom vinho e bonitas serranas; tambem se guerrea na Andaluzia...

«Fallas como bom aventureiro. Nem me admirava se te visse ahi algum dia campeando como um cid nos pateos do Generaliphe, nos vales de Guadalquivir ou nas margens do Guadalete, frequentando Xerez de la Frontera e as lindezas infieis de Sevilha e de Granada. Só não contaste com uma cousa, e é que no caso que elrei ou os Laras soubessem o que temos aqui dito, duvido muito nos deixassem as cabeças no mesmo lugar aonde as temos.»

«*Sangre de Satanaz!* Longe vá o agouro. Por *Diós* que não estou ainda tão enfadado do mundo.... mas não me engano, lá vem para nós um venerando velho acompanhado pelo mal encarado do alcaide ou carcereiro, ou quer que é... ei-los.

Era com effeito o carcereiro, especie de sayão degenerado, que semelhante ás aves nocturnas se habituára ás sombras do carcere e ao eterno crepusculo d'aquellas abobadas retumbantes e sonoras, seu ninho e seu desvelo, por modo que similhasse ter perfilhado aquella existencia bastarda adoptando-a por unica sua. Era carregado e triste como o seu emprego; pesado e lugubre como a casa que habitava. Vinha diante e seguia-o um ancião respeitavel que parecia tomado d'alguma dôr grande. Entraram na sala dos guardas, o carcereiro regrado e sem alteração na sua pausada phisionomia, o velho inquieto e como fluctuando entre o receio e a esperanza. As portas serradas do carcere dos Carvajales abriram-se para dar entrada ao velho, e quando o rude carcereiro sahio para por si mesmo vigiar e adefóra aquella entrevista, os guardas curiosos pela grande maravilha de verem um estranho penetrar nas prisões do castello apinharam-se em roda d'elle opprimindo-o com perguntas, a que só respondeu tirando a sua gorra vermelha e deixando cahir estas palavras com expressão que podia julgar-se de pesar.

«Mostrou uma ordem d'elrei — e traz o perdão d'um dos dois presos!»

E intimou-lhes a ordem de sahirem em quan-

to alli vigiava. Uma unica sentinella ficou, e os guardas aproveitaram a ordem para irem ver sorrir a alvorada nos campos e visitar os camaradas que lá de fóra guardavam a entrada, contando saber o que se passára logo que o velho sabisse.

E o que se passou lá no carcere bem o quizeramos nós contar, mas fallece-nos a força, achamo-nos minguidos para tão grande peso, ouçamos só o que se passa ás portas do castello. O velho tão anciosamente esperado pelos guardas que a curiosidade excitava, appareceu enfim depois de longas horas de espera. Vinha mais abatido que antes; arrastava-se a custo; parecia vergar debaixo do peso d'alguma grande e nova magua.... E os guardas rodearam-no, e perguntaram e insistiram mostrando tanto interesse que o ancião commovido contou-lhes o que passara, e eis-aqui o que elle contou.

«São dois anjos, dois santos, os mancebos que guardais, meus filhos. Tenho visto muito, e muito sentido no decurso desta minha longa vida, mas nunca vi tanta generosidade, tanta grandeza juntas, nunca chorei tanto!.. e com tudo largamente tenho já chorado!... E chamam-lhes culpados e condemnam-os como assassinos!.. Entrei no seu carcere, abracei-os, apertei-os ao peito como filhos que chorára perdidos; preparei-os com palavras de resignação para o golpe que iam soffrer separando-se um do outro, ponderei-lhes a honra e o nome de sua casa... e appresentei-lhes o perdão de elrei para um delles.»

«E que fizeram elles?»

«Ah! meus filhos se os visseis... = A vida, a vida para ti meu irmão — dizia D. Pedro chorando d'alegria e abraçando D. João que ainda não pôde mover-se — a vida para ti, meu irmão, volta á vida que por mim arriscaste, que por mim ías perder.... Oh! graças, mil graças, Deus do céu, que dais a vida a meu irmão.... Obrigado meu leal Afonso — dizia-me depois abraçando-me tambem a mim seu pobre servo, que me suffocava soluçando, obrigado, fizeste-me suave a morte, que não podia eu morrer socegado vendo por mim este martyr no cadafalso. = «Que tu morras e eu fique neste mundo — acudiu D. João, banhado o rosto de lagrymas copiosas — não o esperes, meu irmão!.. Tu tão nobre, tão generoso, tão digno de nossos pais, tu ultima esperanza da nossa raça!... Deixa-me acabar aqui, irmão... fica tu, fica para fazeres conhecer a nossa innocencia... pôde ainda sorrir-te a vida... vida tanto em flôr cortava-ta eu se accettasse esse perdão que me atormenta... accetta-o tu, meu irmão, meu ami-

go, aceita-o, que mais do que eu careces delle» e fallou-lhe depois ao ouvido com grande ancia, vertendo prantos que me cabiam gota a gota no coração e n'alma de seu irmão. E eu silencioso, mudo de admiração e de pura mágua, vi-os abraçar-se e por fim D. Pedro exclamar com voz que espedaçava: «É cruel, ah! que é muito cruel. E deixa-la assim em abandono... sem saber do seu destino!» E depois cruzar os braços no peito e pender a nobre fronte, e desapparecerem-lhe as lagrymas como se o fogo as seccára. Vi-o por muito tempo mover os labios como se fallára fallas inintelligiveis e mysteriosas só com a sua mente, só com a sua alma, vi-o delirar, correr os olhos pelo perdão que lhe apresentei assignado por elrei, crava-los em seu irmão, e amarrotar nas mãos convulsas e trementes o pergaminho d'onde pendia o sello real: vi-o apertar a cabeça como se quizesse affogar o delirio que lá dentro lhe fervia, assegurar algum pensamento prompto a fugir-lhe...

«Que disse, que disse por fim?!»

«Ajoelhou nas lageas, e depois de breve mas fervorosa oração exclamou com gesto brando e já socegado: — É um seraphim... Deus a protegerá!»

«Que se seguiu?»

As vozes dos que faziam esta simples pergunta eram tremulas, balbuciantes, e muitos que não fallavam desviaram os rostos queimados correndo a furto pelos olhos as costas das mãos callosas.

«Foi depois uma luta que não sei explicar-vos, ambos queriam morrer, nenhum aceitava a vida, a liberdade, as honras e as riquezas, postas alli, n'aquelle pergaminho que desprezado volteava aos pés d'elles, a abraçarem-se e a pedirem um ao outro a morte e a regeitarem o existir. Foi um espectáculo que o mundo inteiro alli devêra observar e que só eu presenciei, eu que os eduquei, que os trouxe nos braços, que os amo a ambos igualmente, que não podia valer-lhes, que dera sangue e vida e quanto me pedissem para poder ajuntar outro nome ao nome já escripto, que maldizia em silencio a imperfeita piedade d'elrei e a só acabada raiva dos Laras; eu que os embalei com minhas mãos, e os vigiei com meus olhos, e os vi fazerem-se homens, que, pobre e fraco velho, para nada lhes podia servir, que só tinha lagrymas inuteis e choleras impotentes; eu que sentia o coração derreter-se-me pelos olhos, sem forças e já com a vida morta...

«E qual d'elles por fim venceu na luta?»

A ancia crescêra nos guardas.

«Ambos e nenhum. Vendo que as reciprocas instancias eram inuteis, D. Pedro pegou no pergaminho, espedaçou-o, e ajoelhando junto de seu irmão bradou apontando para o alto — Lá em cima como aqui... unidos para sempre. — E eu sahi sem poder ver mais, sem ver ao menos os abraços pela ultima vez, sem lhes ouvir as vozes que por mim chamavam, nem saber que será agora de mim... Sahi porque perdi toda a esperanza!...

«Não, honrado velho, não — a esperanza não está de todo perdida» — bradaram os guardas com olhos e rostos animados de subita resolução.

Nisto o vulto do carcereiro appareceu sahindo de baixa entrada, e bradou com voz de stentor:

«Que volte cada um a seu posto!

(Continuar-se-ha.)

Os gigantes de Valencia. — Nesta cidade, capital da provincia hespanhola do mesmo nome, e que já gozou o titulo de reino, ha uma grande paixão pelas procissões; talvez seja a terra, de toda a christandade, onde mais se fazem: basta dizer que na tarde de quinta feira santa ha duas, e na da sexta immediata ha nada menos de cinco consecutivas, todas recheadas de figuras vestidas diversamente, representando passos allusivos á Paixão, algumas dellas brutescas, ao dizer dos viajantes: a procissão de Corpus-Christi, pelo acompanhamento que descreve De Laborde, traz á memoria a da mesma solemnidade, que antigamente sahia em Portugal, em que estarão presentes os nossos leitores que se lembrarem do romance de Mestre Gil (*). Porem a maior singularidade é que se não faz em Valencia procissão, um tanto numerosa, que não vá precedida por oito figuras de gigantes de prodigioso tamanho, que representam as quatro partes do mundo com seus *maridos*: — as cabeças são de papelão e de enorme volume, penteadas á moda que voga; os corpos são de roca de madeira revestidos de fatos e adornos que tambem variam com as modas; e como os vestidos cahem até o chão vão dentro encubertos homens, que levam a machina, á maneira das basilicas da Patriarchal, com a circumstancia de que fazem dansar as figuras e andar á roda, e dão-lhes o geito de cortezias e mesuras. O povo namorado dos gestos dos gigantes olha mais para elles do que attemta na cerimonia religiosa, que vem logo atraz. Talvez que nestes ultimos cinco ou seis annos se tenha abolido o espectáculo desta farça, que

(*) 2.º vol. da 1.ª serie.

ainda neste seculo se representava. — Segundo o illustre A. do *Itineraire de l'Espagne* [3.^a edic. de 1834] ha rendas especialmente applicadas para as alfaias, preparo e conservação dos descommunes bonecos, e gozam de casa propria onde são guardados, vindo somente arejar nos principaes dias festivos.

BIBLIOGRAPHIA.

PODERÃO taxar-nos d'egoismo, e porventura d'orgulho litterario, começando nós este artigo logo pelo nosso jornal, como quem se quer inculcar primeiro e mais forte na legião civilisadora, que tomando por armas o prodigioso invento de Guttemberg vai conquistando para o amor das lettras, dos objectos uteis e das cousas patrias, os animos da grande maioria dos portuguezes. Tal não é porem a nossa intenção que bem sabemos entre distinctos companheiros tomar o logar que nos compete. Se de nós fallámos primeiro, aqui estão os caracteres, em que estampámos nossas rasões, que nos fornecem o motivo. O Panorama tendo, ao encetar a segunda serie, variado de typo, ganhou elegancia de fórma e mais vantagens que na *introdução* deixámos ponderadas; mas como a experiencia é a grande mestra em materias da arte, achámos que o esplendor typographico com todo o seu verniz nos diminuía a substancia, se não em cada uma das partes, de certo na quantidade do todo: vimo-nos constrangidos a cercear artigos, que exigiam maior desenvolvimento, e a retardar outros, já importantes e graves, já curiosos e amenos: a nova letra era algum tanto usurpadora do dominio intellectual do Panorama. Concluimos das observações feitas no presente semestre que era necessario buscar o meio termo entre a formosura e caracter legivel do typo, e a maior porção de texto e a variedade das materias. A pandecta modernissima, fundida na Imprensa Nacional, offerecia-nos esta solução da difficuldade; a consequencia era obvia, lançámos mão della, e servirá de specimen este artigo, sendo nossa deliberação imprimir d'ora avante, a começar do primeiro numero de julho, nesta qualidade de typo. Conserva-se a belleza da edição e appresenta-se aos collaboradores do jornal sufficiente campo para as materias, que mais extensamente devem ser tratadas, sem nos privar-mos daquellas noticias breves e soltas, que em geral agradam tanto: supponhamos que era uma superficie dada de terreno, que conseguiu maior população dentro dos seus limites. — Se algumas reclamações se fazem contra o typo graúdo, empregado no jornal, provam ellas a avides da leitura; eis-aqui novo testemunho do quanto o publico portuguez demanda a instrucção; que nem se cança com a variedade de obras periodicas neste genero litterario; porque, segundo nos consta, todas acham extracção. Os designios dos redactores são diversos; e assim devia ser, não seguindo uns a pista dos outros, como acolytos servis, e assim convinha para que, distribuidas as obras do grande edificio litterario por diversos operarios respectivamente capazes, podesse o que toma o trabalho de as reunir contar com o todo completo e perfeito, quanto em humanas cousas é dado. — Vai por seis annos que não descontinuámos na tarefa; e sempre vimos com prazer os nossos irmãos d'armas lutar no mesmo empenho; e da nossa boca não tem sahido senão palavras animadoras para que não desistam, como at-

testam as nossas prefações annuaes. Escusámos resumir em lista de titulos estas obras periodicas; o publico as conhece e aprecia. Tres são credoras de especial menção. — A *Revista Litteraria*, que sahe á luz na cidade do Porto, pôz a mira em mais profundo ensino; fez-se repositorio de memorias e dissertações, a exemplo das *Revistas* de Paris e Londres, e como ellas resenba os acontecimentos politicos, para que essa breve chronica possa servir de indice dos factos importantes que se passam nos Estados: nomes respeitaveis firmam artigos proprios que dão lustre a este jornal, o primeiro que com semelhante systema de redacção entre nós se divulgou. — Os *Annaes Maritimos e Coloniaes* de mez a mez apparecem como pharol, que alumia os mares, guiando ás nossas importantissimas possessões ultramarinas; como despertador, que nos está chamando ao aproveitamento do que possuímos e despresamos; como conselheiro que da experiencia propria tira documentos para doutrinar a nação no que respeita grandes interesses seus — a *navegação e as produções e os melhoramentos* dos nossos dominios d'alem-mar.

Chegámos a outro jornal, que parece mais analogo ao nosso até pelo periodo semanal da sua publicação. — A *Revista Universal Lisbonense* tem por objecto a instrucção nos seus variados ramos; mas o intuito de seus redactores é recolher a par das noções uteis os factos quer scientificos, quer politicos á medida que se elles appresentam com toda a sua novidade e fresquidão; e daqui vem o empenho em não ommittir os variados successos occorridos d'uma a outra semana, quando as circumstancias os fazem dignos de publicidade: a breve exposição dos acontecimentos, nas regiões do mundo, que as gazetas particularisam; e a noticia prompta das obras impressas, e dos artefactos, que podem convidar a attenção do publico. — Este jornal tem uma missão particular, que imperfeitamente esboçamos; e se a tanto nos podémos atrever considera-lo-hemos como um complemento do nosso. Aqui não ha paralelo, porque as intenções são diversas, posto que a um fim unico se encaminhem; — a instrucção dos que não a podem haver senão por estes escriptos, por este methodo utilissimo que tem provado excellentemente em França e Inglaterra, e que a Italia reconheceu e adoptou. — O Panorama fundou-se seguindo o modelo de todos os jornaes analogos, o patriarcha de todos elles, o Penny Magazine; assim como este e os seus imitadores em França, não tem o Panorama deixado de inculcar *os conhecimentos geralmente uteis*, aquelles que é vergonha ignorar, e que muita gente (dizemo-lo com pesar) não sabe; isto é, as antiguidades patrias, a geographia, a historia natural. Não se hão de estudar estes ramos pelos individuos particulares, como se cada um se destinasse a ensina-los, ou a fazer d'elles o estudo de toda a vida: donde a utilidade reconhecida dos jornaes populares, que sem fastio e aturada applicação põem os leitores ao alcance de noticias, que lhes hão de aproveitar na conversação, no tracto da vida, e que os livram da horrivel reprehensão d'ignorantes em assumptos geraes. — Bem sabemos que cada um jornal litterario trilha uma senda, preferida pelo que lhe delineou o caminho no mappa amplissimo das sciencias e das lettras; mas todas estas sendas são raios convergentes para um círculo, que é a instrucção commum: louvor portanto a todos os nossos companheiros de tão gloriosa jornada. —

No proximo numero daremos noticia de alguns livros que ultimamente viram a luz publica,